A REPRESENTAÇÃO DA MUHER COMO UM "CORPO DOCILIZADO" NO CINEMA PARAENSE

Raissa Lennon Nascimento Sousa[1]
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Profa Dra Luciana Miranda Costa[2]
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Lançado em 1962, o filme "Um dia Qualquer", do cineasta Líbero Luxardo, foi o primeiro longa-metragem ficcional produzido totalmente na Amazônia paraense. A obra apresenta a cidade de Belém em um dia comum, revelando o cotidiano nas ruas e as manifestações culturais e religiosas características do lugar. Reprovado pelos críticos da época por suas falhas técnicas e estilísticas, atualmente, o filme se apresenta como *locus* de uma série de interpretações relacionadas ao corpo, à mulher, às condutas e aos "adestramentos sociais", que sempre estão presentes, mas são impulsionados diferentemente em cada época. Este artigo tem como principal objetivo analisar a construção de sentidos referente à figura da mulher no filme. Para isso, como aporte teórico, foram escolhidos especialmente os trabalhos do filósofo Michel Foucault, que compreende a sexualidade como elemento historicamente construído. O conceito de "corpo dócil", sob este prisma, presente em "Vigiar e Punir" (FOUCAULT, 2006), foi relevante para compreender os lugares sociais ocupados pelas personagens femininas da trama, com destaque para Maria de Belém e Marlene.

Palavras-chave: Comunicação. Cinema. Mulher no Cinema. Um Dia Qualquer. Líbero Luxardo.

Abstract

Released in 1962, the film "An ordinary day" ("Um dia qualquer"), by the filmmaker Libero Luxardo, was the first fictional feature film made entirely at the Amazonian state of Pará. The film presents the city of Belem on a typical day, revealing the daily life on the streets and the cultural and religious events, which are attributes of the city. Disapproved by the critics of that time for its technical and stylistic flaws, currently, the film is presented as *locus* of a series of interpretations related to the body, women, conduct and "social trainings," which are always present, but are driven differently in every historical period. This article aims to analyze the construction of meaning related to woman's figure in the film. In order to do this, as theoretical support, it has been specially chosen the work of the philosopher Michel Foucault, who understands sexuality as an element historically built. The concept of "docile body", from this perspective, exposed in the book "Discipline and Punish" (Foucault, 2006), was relevant

[1] Mestranda do PPGCOM/UFPA. Email: lennonraissa@gmail.com
[2] Professora Doutra do DECOM/UFRN e do PPGCOM/UFPA. Email: lmirandaeua@hotmail.com

for understanding the social places occupied by female characters in the plot, especially Maria de Belém and Marlene.

Keywords: Communication. Cinema. Women in Cinema. "An ordinary day". Líbero Luxardo

Introdução

Durante toda a história do cinema os discursos sobre a mulher estiveram presentes em dois patamares: aquela que representa a ideia de feminilidade, beleza e pureza e a da *famme fatale* - a mulher fatal, sedutora, um "anjo mal" (KEMP, 2011) preponderante no *Cinema Noir*[3], a partir de 1940 nos EUA.

Lançado em 1962, o filme "Um dia Qualquer", do cineasta Líbero Luxardo, foi o primeiro longa-metragem ficcional produzido totalmente na Amazônia paraense. A obra apresenta a cidade de Belém em um dia comum, revelando o cotidiano nas ruas e as manifestações culturais e religiosas características do lugar. Reprovado pelos críticos da época por suas falhas técnicas e estilísticas, atualmente, o filme se apresenta como *locus* de uma série de interpretações relacionadas ao corpo, à mulher, às condutas e aos "adestramentos sociais", que sempre estão presentes, mas são impulsionados diferentemente em cada época.

> Constituí-las [as mulheres] em termos de discurso implica não somente caracterizar as formas anunciativas sintáticas ou retóricas que são as suas, mas implica igualmente em inscrevê-las nestas longas series de formulações, nessas memórias discursivas dos corpos percebidos, que a tanto tempo a tradição fisiognomônica de interpretação dos indícios corporais estabelece. Mas além disso, trata-se da vontade de reconstituir a rede de discursos que lhe são afilhados. (COURTINE, 2013 p. 56/57)

Este artigo tem como principal objetivo analisar a construção de sentidos referente à figura e ao corpo da mulher no filme "Um dia Qualquer". Para isso, como aporte teórico, foi escolhido especialmente os trabalhos do filósofo Michel Foucault, que compreende a sexualidade como elemento historicamente construído. O conceito de "corpo dócil", sob este prisma, presente em "Vigiar e Punir" (FOUCAULT, 2006), foi

[3] Cinema Noir é um gênero cinematográfico hollywoodiano de difícil definição que foi inspirado no expressionismo alemão. Possui uma estética de valorização das sombras e os principais filmes são em preto e branco. Os cineastas Alfred Hitchcock e Fritz Lang fizeram alguns filmes desse gênero (KEMP, 2011, p. 168).

relevante para compreender os lugares sociais ocupados pelas personagens femininas da trama, com destaque para Maria de Belém e Marlene.

A seguir, o leitor encontrará um breve histórico sobre a vida do cineasta Líbero Luxardo e sua obra na Amazônia, uma descrição das principais personagens femininas em "Um Dia Qualquer" e, finalmente, uma análise do corpo das mulheres na trama à luz do instrumental teórico fornecido por Foucault.

Líbero Luxardo: o cineasta pioneiro

O paulistano Líbero Luxardo era filho de fotógrafo e desde cedo aprendeu a manusear uma câmera. Ele chegou à Amazônia com disposição para filmar na região, sendo o primeiro cineasta a realizar longa-metragens. Fez sucesso primeiro no Estado do Mato-Grosso com o filme "Alma do Brasil" (1931/1932), um drama mudo, que se passava no período da Guerra do Paraguai. Nesta época, Luxardo fazia filmes com Alexandre Wulfes, sócio na empresa Filmes Artísticos Mato-Grossenses (FAN). Ele filmou também a comédia "Caçando Feras" (1936) e "Aruanã" (1938), que foi o seu último filme da fase do ciclo regional[4] mato-grossense.

Ao chegar em Belém, no período da Segunda Guerra Mundial[5], construiu um estúdio no centro da cidade, produzindo diversos documentários de curta metragem. Segundo o crítico de cinema Pedro Veriano (1999), o cineasta pretendia rodar um filme na ilha do Marajó com o título "Amanhã nos Encontraremos" e havia até escolhido a *miss* Pará da época, Jussara Marques, para atuar como protagonista. No entanto, o custo da produção tornou-se muito alto e havia carência de material fotográfico por causa da guerra. O filme não foi adiante.

Mesmo com suas pequenas produções, Luxardo ganhou a simpatia do político, intendente[6] do estado, Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, que com o passar dos anos tornou-se seu amigo. Luxardo fez carreira na política como deputado estadual e foi chefe de gabinete de Barata. Essa parceria acarretou a realização de muitos pequenos

[4] "Os ciclos regionais' [...], em geral, caracterizam-se pela concentração episódica de produções em determinadas localidades do país. Embora fugazes, esses ciclos contribuíram, não só para manter acesa a chama da produção nacional, mas para difundir sistematicamente a atividade cinematográfica em toda geografia do território brasileiro, e não mais restrita a Rio e São Paulo" (CASTRO NETO, 2013, p. 33).
[5] A Segunda Guerra Mundial foi um conflito militar global que durou de 1939 a 1945, envolvendo nações organizadas em duas alianças militares opostas: os Aliados e o Eixo. Visualizado em 10/05/2015. Disponível em: < http://www.brasilescola.com/historiag/segunda-guerra-mundial.htm>.
[6] Intendente era o nome dado para governador do estado no governo de Getúlio Vargas (1930-1937).

filmes jornalísticos, encomendados pelo "governador", que costumavam ser exibidos nos cinemas Moderno, Independência e Rex (que depois foi chamado de Vitória) em Belém.

> Os filmes curtos de Líbero eram exibidos nos cinemas da Empresa Cardoso & Lopes. A produtora chamava-se "Amazônia Filmes". Cobria, especialmente, os lances políticos ligados ao Partido Social Democrático (PSD), a que era filiado. Mesmo assim, colocava nos jornais matérias diversas, como festas de carnaval e aspectos turísticos do Pará. A rotina implicava na gravação e mixagem em laboratórios do Rio, e os técnicos de lá eram responsáveis por trilhas sonoras hilárias (VERIANO, 1999, p. 28).

Um dos últimos cinejornais feitos por Líbero Luxardo e que também marcou seus últimos anos na carreira política, foi o filme "Homenagem Póstuma a Magalhães Barata" (1956)[7], com cenas do velório do político e homenagens das pessoas nas ruas durante o cortejo fúnebre. Líbero Luxardo, nesse período, se envolvia mais com política do que com cinema, deixando a ficção de lado (CASTRO NETO, 2013). Foi somente a partir dos anos 60, que Luxardo decidiu voltar aos seus projetos antigos de fazer ficção na Amazônia.

Em 1961, o cineasta começou a filmar "Um Dia Qualquer", considerado o primeiro longa metragem de ficção produzido totalmente na Amazônia paraense. O filme mostra uma Amazônia urbana representada pela cidade de Belém e suas expressões culturais. A história concentra-se no personagem Carlos, que se lembra, com nostalgia, de sua falecida amada Maria de Belém, e ao andar pelas ruas da cidade se depara com vários episódios inusitados (OLIVEIRA, 2012). A obra também discute, como veremos, sobre a representação da mulher no contexto social da década de 1960, a partir do comportamento da personagem principal, Maria de Belém, e de outras mulheres da trama.

A cinebiografia de Líbero Luxardo conta ainda com "Marajó, Barreira do Mar" (1964), um filme que retoma a ideia do seu primeiro projeto não concluído: *Amanhã nos Encontraremos.* O filme foi rodado na cidade de Soure[8], ilha do Marajó, na fazenda do

[7] O filme pode ser encontrado na página da Cinemateca Paraense <http://cinematecaparaense.org/filmes/curta-metragem/decada-de-1960/homenagem-postuma-a-magalhaes-barata/>

[8] Soure é um município do estado do Pará localizado na mesorregião do Marajó e na microrregião do Arari. Até 2010, sua população era estimada em 23.001 habitantes, segundo o IBGE. Está localizada a 80km da capital paraense, Belém. Foi fundada em 20 de janeiro de 1847 por Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150790>. Visualizado em 02/07/2015.

Livramento e teve o intuito de "mostrar os hábitos e costumes da ilha do Marajó", como informava logo de início o letreiro do filme (CASTRO NETO, 2013, p. 87).

"Brutos Inocentes" (1974) foi o primeiro e único filme colorido de Luxardo, sendo composto de duas partes que tinham em comum o cenário amazônico. A primeira mostrava a relação de um seringueiro e o seu processo exploratório de trabalho, a segunda apresentava uma narrativa folclórica relacionada à história de pais brancos que tiveram um filho negro depois de olharem para o eclipse lunar (CASTRO NETO, 2013, p. 121). A junção dessas duas histórias ocorreu porque, segundo a Embrafilme[9], coprodutora e distribuidora da época, a primeira parte não tinha tempo suficiente para um longa-metragem.

Na época, os filmes de Líbero Luxardo receberam duríssimas críticas dos principais nomes do cinema belenense. "Um dia qualquer", por exemplo, foi criticado por suas falhas técnicas, improvisações, roteiro e atuações. O crítico Acyr Castro escreveu na década de 60:

> O que surpreende em Um dia qualquer não é tanto a resistência imposta, é um desperdício de todo um material fotogênico (os aspectos físicos desta mui querida e leal Santa Maria de Belém), que daria pelo menos um documentário melhorzinho; nem, finalmente, o irrisório do cenário escrito [sic] pelo próprio realizador, a puerilidade e mesmo a matutice com que esquematiza o argumento, resolvendo-o na base do pior dramalhão rádio-novelesco (CASTRO, 1966 apud CASTRO NETO, 2013, p. 58).

Atualmente, as produções de Líbero Luxardo foram reavaliadas pelos especialistas locais, como Pedro Veriano, Acyr Castro e João de Jesus Paes Loureiro, que antes criticavam negativamente suas obras. Na época, suas produções eram analisadas com o mesmo rigor crítico de produções estrangeiras, conforme definições estéticas discutidas em salas de cinema *Cult*, sem levar em conta a coragem e falta de recursos do criador. Como disse Loureiro, "queríamos que Líbero tivesse feito os filmes que nós gostaríamos de fazer. Do jeito como os idealizávamos. Com a maturidade artística de nossa cultura cinematográfica livresca" (LOUREIRO, 2008, p. 25/26 apud. CASTRO NETO, 2013, p. 62). Sobre filmar na Amazônia Luxardo[10] comentou:

> A Amazônia me ensinou uma coisa que o paulista não tem: o paulista é muito senhor de si e a Amazônia me ensinou uma profunda humildade e uma vontade de servir e de ajudar essa gente que é

[9] A Embrafilme foi uma empresa estatal brasileira produtora e distribuidora de filmes cinematográficos, criada pelo decreto-lei Nº 862, de 12 de setembro de 1969 e extinta em 16 de março de 1990.
[10] Hoje com o nome de Fundação Cultural do Pará.

> extraordinária. Eu considero o homem da Amazônia um homem extraordinário (LUXARDO, 2008, p. 33)[11].

Em 2003, foi inaugurado o cinema homônimo em homenagem ao cineasta, dentro da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, órgão do governo do estado. Trata-se de um dos principais cinemas alternativos da cidade.

A mulher no cinema paraense

A figura da mulher começou a tomar destaque no cinema paraense na década de 1960, quando o cineasta Líbero Luxardo lançou o filme "Um Dia Qualquer", considerado, como já mencionado, o primeiro longa-metragem ficcional produzido totalmente na Amazônia paraense (CASTRO NETO, 2013). Mas não se pode restringi-lo apenas por sua importância de marco inicial. O trabalho de Luxardo mostra diversos aspectos de uma época, apresentando a cidade, as ruas, as danças populares e as festas.

O personagem Carlos, interpretado por Hélio de Castro, observa a cidade em seus múltiplos ângulos ao lembrar o seu amor Maria de Belém, vivida por Lenira Guimarães, que morreu na hora do parto de seu primeiro filho.

O espectador assiste a história em *flashback*, recurso cinematográfico que possibilita acompanhar as lembranças do personagem principal. Em sua andança, Carlos não tem caminhos pré- determinados, nem lógicos, são apenas momentos, lembranças e memórias vividos por ele (OLIVEIRA, 2012).

> O filme é uma viagem pela memória de um homem que vagueia pela cidade, onde conhecera, amara e perdera sua amada Maria de Belém, vivida pela atriz Lenira Guimarães. O passeio do homem organiza o espaço da narrativa por espaços funcionais da cidade socialmente construídos pela ideia das personagens exóticas que constroem a imagem da cidade. Dentre essas personagens, as mulheres. Em contraposição a senhora Maria de Belém, a lembrança do viúvo viaja por recônditos da cidade que tiram ao público os véus das prostitutas. A morte da personagem Maria de Belém nos induz a metáfora do nascimento de um outro tipo de mulher, a mulher livre. No filme, a falecida e a mulher livre não transitam pelos mesmos espaços, há uma cena óbvia da exclusão das prostituas. Os cortes indicam a existência de tipos diferenciados de sentidos de mulheres, mas a não possibilidade de convivência dos mesmos na ação narrativa, uma tem que morrer para outras serem lembradas. (NEGRÃO, 2003, p. 8-9).

[11] Fragmentos da entrevista de Líbero Luxardo ao Jornal A Província do Pará, em 5 de março de 1972 (SECULT, 2008, p. 33).

A personagem principal, Maria de Belém, é personificada como uma mulher de "família", recatada, "feita para casar". Em contraponto, Marlene, que aparece fazendo um *striptease* à luz do dia para o seu companheiro, parece não se importar com as convenções sociais da época.

> Em Um dia qualquer, estes tipos femininos diferenciados não transitam o mesmo espaço e o mesmo tempo. O filme apresenta a mulher modelar, um tanto reprimida, ainda submissa, a familiar dona-de-casa, com uma reputação a zelar, portanto, uma mulher que não frequenta "certos" locais, não evidencia comportamentos que desabonem a sua conduta. Ela sempre aparece ao lado do namorado em locais públicos, nos quais não se pode ter um momento mais íntimo (CASTRO NETO, 2013, p. 71).

Figuras 01: Personagem Marlene em "Um dia Qualquer"
Fonte: https://cinematecaparaense.files.wordpress.com/2012/04/um-dia-qualquer1.jpg

Outras mulheres também aparecem na película "Um dia qualquer". É o caso das prostitutas que disponibilizam o seu corpo para os homens que passam na rua, na periferia da cidade, ou da mulher que tira a roupa ao receber uma entidade no terreiro de umbanda. Outra cena peculiar é a da jovem estudante, que vai ao bar com o seu irmão. Ela dança descontraidamente e bebe cerveja sem se importar com que os outros pensam. Ao sair do lugar sofre um estupro por homens que a estavam observando. Todas essas mulheres aparecem no filme em cenas esporádicas e são observadas pelo personagem de Carlos, enquanto ele se lembra de sua amada. Nas cenas em *flashback*, a protagonista (Maria de Belém) raramente transita no mesmo espaço que as outras mulheres. Ela é contida em relação aos seus comportamentos e desejos, e representa a mulher/mãe de família. Seu corpo não está "disponível" e não é evidenciado em cena.

> Maria de Belém (Lenira Guimarães) é a esposa amada, relembrada através do *flashback*, falecida ao nascer do primogênito. Seu tipo revela uma morena alta, esbelta e elegante. Demonstra ser letrada, expressando-se com facilidade e tendo clareza sobre os fatos da atualidade. Supõe-se que o par tem as mesmas raízes de classe. O romance entre eles inicia-se num cemitério. Os encontros posteriores - ocasionais primeiro, estabelecidos depois pela relação de namoro até o casamento - dão-se na área urbana da cidade, nos lugares de circulação dos jovens de sua classe, perfeitamente demarcados: a praça (onde também as crianças brincam), o ônibus (onde o aglomerado limita a intimidade), as ruas centrais (onde estão situadas as igrejas e um tipo de comércio mais sofisticado com ênfase aos magazines). O lugar da moradia, após o casamento, estabelece um reforço à classe a qual pertence o casal e ao cotidiano da mulher casada dessa classe: uma edificação expondo sofisticada arquitetura, com arranjos ornamentais sobre os móveis e uma decoração impecável. As atitudes formais na relação entre o casal revelam os limites do espaço e da cultura determinantes de comportamentos diferenciados. O homem trabalha fora, a mulher fica à sua espera, assumindo papéis que a lógica do cotidiano naturalizou enquanto reveladores da submissão e do domínio entre os dois gêneros. (ÁLVAREZ, 1995, p. 28)

A partir dessa construção narrativa, muitos cenários da capital paraense são apresentados, começando pelo cemitério da Soledade, na Rua Serzedelo Correa, onde os apaixonados se encontram pela primeira vez, além de representar, a ruptura da vida de Maria. Outros cenários da capital paraense aparecem nas sequências: Praça da República e Batista Campos, avenidas Presidente Vargas e Nazaré, Museu Emílio Goeldi e Ilha de Mosqueiro. As manifestações culturais e religiosas são elementos importantes para representar a cidade, que muito mais do que um cenário é um personagem. O Círio de Nazaré, a festa de São João, os terreiros de Umbanda, são elementos identitários da cultura Amazônica, assim como as mulheres representadas.

Os males de uma cidade violenta perpassam toda a trama e fazem parte das representações do filme, como quando o casal vê um romeiro que prega pela paz ser apedrejado por moleques. Ou um homem rouba as relíquias valiosas de uma igreja católica dentro de um caixão. Em uma construção social pessimista e realista da cidade, é nesse ponto que Líbero Luxardo consegue de aproximar dos problemas sociais, também encontrados no Movimento Neorrealista italiano[12].

[12] O Neorrealismo italiano começou no final da 2° Guerra Mundial, em 1940. O movimento tinha algumas orientações estéticas novas, já que as filmagens eram nas ruas, não mais nos estúdios de cinema, e havia a utilização de atores não profissionais e de dialetos locais. As histórias retratavam a vida sofrida de pessoas pobres após a guerra. Alguns filmes desta época foram: “Roma, Cidade Aberta” (Rossellini, 1945), “Roma, às Onze Horas” (De Santis, 1952) e “Ladrões de bicicleta” (Vittorio de Sica, 1948).

A trilha sonora tem uma grande importância narrativa para evidenciar a diversidade e tensão entre os personagens. A execução é da Orquestra de Sebastião Tapajós e Alberto Mota, juntamente com o coral da Universidade Federal do Pará, sob a regência do maestro Nivaldo Santiago, além de música e regência do mestre Pixinguinha. O violonista S. Tapajós junto da soprano Marina Monarca também interpreta Tambatajá, música do Maestro Waldemar Henrique, compositor amazônico que tem outras duas músicas no filme (CASTRO, 2013, p. 48).

Foucault: Corpo e Discurso

Nossa intenção é estabelecer um diálogo a respeito da imagem da mulher e os discursos que aparecem no filme sobre a questão do corpo – tomando como base o pensamento de Foucault. Algumas cenas de "Um Dia Qualquer" são marcantes se considerarmos o tempo histórico que elas foram apresentadas. Uma delas é a do *strip-tease* da personagem Marlene, interpretada pela atriz Maria de Belém Rhossard. Como mencionado, ela dança para seu companheiro em um lugar a céu aberto, até ficar completamente nua. Um fato significativo é que a atriz teve que se mudar de Belém após receber críticas em relação à nudez da cena (CASTRO NETO, 2013), revelando o preconceito da época em relação à figura da mulher (especialmente seu corpo) e ao trabalho de atriz. O corpo "livre" é punido socialmente.

Outras mulheres também aparecem na trama por diferentes ângulos, como as prostitutas que disponibilizam o seu corpo na rua, a mulher que tira a roupa no terreiro de umbanda ou a estudante que, ao sair de um bar onde dançava, sofre um estupro por homens que a estavam observando.

Figura 2: Cena de mulher prostituta em "Um dia qualquer"
Fonte: http://i.ytimg.com/vi/a7zp7xf5Nt8/hqdefault.jpg

O corpo feminino no filme, neste sentido, vai além do corpo da mulher ou do corpo em cena, evidenciando o aspecto do "corpo dócil" foucaultiano. Para Foucault, o corpo dócil é aquele que é "útil", "inteligível", um "corpo manipulável". Nas palavras do autor: "é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado" (FOUCAULT, 2006, p.110).

Sendo assim, esse corpo requer um limite, cheio de imposições e obrigações, é um corpo mecânico (movimentos, gestos, atitudes e rapidez fazem parte desse corpo). No caso do filme "Um Dia Qualquer" podemos estreitar essa relação com a personagem principal da trama, Maria de Belém, que representa a mulher disciplinada que não foge às regras sociais, ao contrário das demais personagens referidas acima que sofrem algum tipo de "punição".

Figura 3: Carlos e Maria de Belém em "Um dia Qualquer"
Fonte: https://oimaginariomundo.files.wordpress.com/2011/01/qualquer.jpg

Foucault (2006) propõe pensar o corpo como um objeto de controle, de docilidade/ utilidade, que se constitui em uma relação de "disciplina". Ele observa que esses processos disciplinares existem há muito tempo, mas só se consolidaram no século XVII e XVIII como formas gerais de dominação. Não é, portanto, como a escravidão, que se fundamentava numa relação de apropriação servil do corpo. Também é diferente da domesticidade, que é uma relação constante, global, maciça, não analítica, ilimitada, e estabelecida sob a forma regulada em que o patrão tem o domínio. Não se assemelha ainda aos ascetismos (relação com a austeridade e distanciamento dos prazeres

mundanos) ou às disciplinas do tempo monástico, que tinham como finalidade o aumento do domínio de cada um sobre o seu próprio corpo (FOUCAULT, 2006).

Para o homem "disciplinado", assim como para o verdadeiro crente, nenhum detalhe é indiferente. O homem e o humanismo moderno nascem a partir dessas minuciosidades de detalhes, controles e técnicas. Encontramos exemplos nas escolas, no espaço dos hospitais, nas igrejas e no ambiente militar. A disciplina que propõe Foucault (2006) é "uma anatomia política do detalhe", ou seja, um investimento detalhado e minucioso do corpo: uma nova "microfísica" do poder. A disciplina exige a "cerca".

> Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo sancioná-lo, mediar às qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico (FOUCAULT, 2006, p. 122).

Foucault (2006) chama a atenção para o fato de que até mesmo as localizações são funcionais, como por exemplo, as fábricas no fim do século XVII, a organização em filas na escola ou as celas nos presídios. Esses ambientes são "quadros vivos" que organizam "as multidões confusas, inúteis e perigosas" e as transformam em multiplicidades organizadas. Do mesmo modo, o "horário" imposto nas sociedades pós-industriais tem a função de controlar a vida cotidiana, transformando os corpos em disciplinados e disciplinadores. O poder de disciplinar tem como função maior "adestrar" os indivíduos.

> "O poder de disciplinar é com efeito o poder que, em vez de se apropriar e de se retirar, tem como função maior "adestrar"; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e amarra num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva o seu processo de submissão até as singularidades necessárias e suficientes". (FOUCAULT, 2006, p. 143).

A disciplina, portanto, adestra as multidões e fabrica indivíduos capazes e úteis. O adestramento se dá por meio de uma vigilância hierárquica, de sanções normalizadoras que funcionam como um pequeno mecanismo penal, com leis e regras próprias.

Foucault propõe o exercício de desnaturalizar a sexualidade também no livro "História da Sexualidade: A vontade de saber" (2013), no qual afirma que todos os

discursos são historicamente construídos e que funcionam como sistemas de exclusão, colocando em jogo elementos como poder e sedução.

Retomando o filme "Um dia qualquer" podemos inferir que a vigilância sobre o comportamento da personagem Maria de Belém, que pertence a uma classe média alta e abastada da capital paraense, se estabeleceu pelas rígidas normas familiares e especialmente por convenções próprias, incorporadas e relacionadas às questões culturais de seu tempo, ligadas ao corpo e à disciplina sobre ele.

Conclusão

A personagem principal do filme "Um Dia Qualquer", Maria de Belém é, nos termos de Foucault, um "corpo docilizado" por valores histórico e socialmente construídos. Trata-se de uma "moça de família", dona de casa, reprimida e submissa, que tem uma reputação a zelar. Ela representa as mulheres que não frequentam alguns lugares sozinhas para que suas condutas não sejam julgadas. Já personagem Marlene, ao contrário, que aparece fazendo um *strip-tease* para o companheiro em plena luz do dia, é um tipo feminino liberal, com um corpo emancipado que converge com algumas mudanças socioculturais da década de 1960, como o movimento da contracultura e a luta feminista (HOBSBAWN, 2012). No entanto, a exposição desse corpo "liberto" nas telas provocou reações sociais negativas instantâneas, obrigando a atriz a deixar a capital paraense.

Mesmo com essa referência de mulher "liberal", que rompe com algumas regras sociais, as mulheres ainda aparecem no filme a partir de um discurso dicotômico entre um ideal de pureza, revelado pela personagem Maria de Belém, e o discurso da mulher "sexualizada", representada pela imagem das prostitutas que disponibilizam o corpo em uma periferia da cidade.

"Um Dia Qualquer", de Líbero Luxardo, que tanto foi criticado pelos críticos da época, por suas falhas técnicas e estilísticas, nos serve para uma série de interpretações relacionadas ao corpo, à mulher, às condutas e aos adestramentos sociais, que sempre estão presentes, mas são impulsionados diferentemente em cada época.

Referências

ALVAREZ, Luzia Miranda. **O espaço e o tempo feminino num dia qualquer - Belém 1960.** Artigo: Psicol. cienc. prof. vol.15 no.1-3 Brasília – 1995.

CASTRO NETO, Advaldo. **O cinema ficcional de Líbero Luxardo**. Belém, 2013. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo –** Pensar com Foucaut. Petrópolis- RJ. Ed. Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade:** a vontade de saber. Vol. 1. 23 ed. RJ: Graal, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 2006.

LUXARDO, Líbero. **100 ANOS LÍBERO LUXARDO.** Belém: SECULT/PA, 2008.

NEGRÃO, Keila. **Depois do Super Homem, a Mulher Maravilha?** Produção de sentidos de identidades femininas no cinema paraense. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003.

OLIVEIRA, Relivaldo Pinho de. **Amazônia, cidade e cinema em Um dia qualquer e Ver-o-Peso.** Belém: IAP, 2012.

KEMP, Philip. **Tudo sobre cinema**. Tradução: Fabiano Morais. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2011.

HOBSBAWN, Eric. **Tempos Fraturados –** Cultura e Sociedade no século XX. São Paulo: Companhia de Letras, 2012.

UM DIA QUALQUER. Direção: Líbero Luxardo. Programadora Brasil, 1962. DVD (92 min.). Preto e Branco.

VERIANO, Pedro. **Cinema no tucupi.** SECULT, 1999.